

Biden proíbe importações de petróleo e de gás da Rússia

Petróleo sobe para nível de inflação séria, mas boicote não causa colapso

Embargo dos EUA à matéria-prima russa não será acompanhado pela União Europeia, que poderia levar preços além de US\$ 200

ANÁLISE

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, confirmou na tarde desta terça-feira (8) que barrou a compra de petróleo russo. O Reino Unido disse que vai reduzir suas importações da Rússia a zero até o fim do ano.

Por vários motivos, a decisão acaba por colocar o preço do barril em novo patamar, perto de US\$ 125, por ora, alta de 60% neste ano. É preço de inflação em alta no mundo inteiro, mas não de colapso. O barril chegou a ficar menos caro depois do discurso de Biden. As Bolsas de Valores subiram.

O embargo americano não será acompanhado pela União Europeia ("demos um passo que outros países não podem dar", disse Biden), que importa da Rússia cerca de 25% do petróleo que consome. Um embargo europeu poderia levar os preços além de US\$ 200. Não haveria tão cedo produção alternativa na Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), mesmo se sanções americanas contra Irã e Venezuela fossem suspensas amanhã, um milagre político (mais sobre esse problema mais adiante, neste texto).

A decisão americana poderia tirar pouco petróleo do mercado, menos de 1% do total das exportações mundiais. Mas parte desses barris embargados por Biden pode ser vendida em outros mercados, para aliados da Rússia, como a China, que assim deixaria de comprar de outros produtores (embora essa decisão não seja simples, como mudar de padaria).

A produção americana pode aumentar, por outros motivos que não o embargo. Europeus e americanos negociam aumentos de produção com outros países.

Além do mais, desde o início da guerra da Ucrânia, Estados Unidos e aliados disseram que vão colocar no mercado cerca de 60 milhões de barris de petróleo de suas reservas estratégicas (4% do total dos estoques dos países-membros da Agência Internacional de Energia, IEA, na sigla em inglês). Ou seja, liberaram o equivalente a 90 dias de vendas russas para os Estados Unidos.

Ainda assim, a decisão do governo Biden coloca o preço do barril em um novo patamar, entre US\$ 120 e US\$ 130, diziam nesta terça-feira analistas do setor (podem mudar de ideia amanhã, porém).

Recorde-se que parte da produção russa já vinha sendo rejeitada mesmo sem que houvesse sanções oficiais. Empresas não querem fazer negócio com a Rússia ou não podem, por dificuldades de financiamento, seguro e transporte.

No ano passado, os Estados Unidos importaram cerca de 671,8 mil barris de petróleo e derivados da Rússia, na média diária do ano, dados do Departamento de Informação de Energia do governo americano (EIA, na sigla em inglês).

Parece pouco, dado o tamanho do mercado internacional. Representa apenas 8% das compras americanas no exterior. Empresas americanas importavam da Rússia por facilidades geográficas, de preço, de logística e caracte-

rísticas técnicas de refinarias. No ano passado, cerca de 51% do total das importações americanas vieram do Canadá, 11,3% dos países da Opep e 8,4% do México, segundo as tabelas da EIA.

Mas mesmo 672 mil barris por dia podem fazer diferença grande nos preços em um mercado mundial muito apertado, em que não há sobra alguma de petróleo na praça. Se mais petróleo russo saísse do comércio, a crise seria ainda mais séria.

Há estimativas de que a falta de 1 milhão de barris por dia no mercado possa elevar o preço do tipo Brent, referência mundial, em US\$ 15. Eberaldo de Almeida Neto, presidente do Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás (IBP), diz que conhece estudos em que a estimativa de salto de preços seria de US\$ 20 para cada milhão de barris por dia que "desaparecesse" do mercado.

O governo russo vinha dizendo nos últimos dias que um embargo total das exportações de petróleo do país levaria o preço do barril a US\$ 300. Pelas contas dos analistas financeiros e de energia do "Occidente", pelo menos US\$ 250 seria uma conta razoável.

De acordo com relatório da Agência Internacional de Energia (IEA, braço da OCDE), a Rússia exportava cerca de 7,8 milhões de barris de petróleo e derivados por dia em dezembro. Em uma aproximação razoável, a Rússia vende mais de 10% do petróleo cru e dos derivados do mercado mundial. Das exportações russas, 60% vão para a Europa, 20% para a China e 8% para os Estados Unidos.

O consumo mundial era de cerca de 99,03 milhões de barris por dia em janeiro de 2022, para uma produção de 99 milhões. As exportações mundiais eram de cerca de 75 milhões de barris por dia. É uma aproximação feita com dados da Opep e de consultorias econômicas. Não há dados públicos e recentes precisos, alguns são tratados como segredo e parte do comércio é clandestina (como no caso de países sujeitos a sanções).

A União Europeia importa cerca de 96,6% do petróleo e derivados que consome (média dos anos mais recentes, 2018 e 2019, antes da epidemia, e do primeiro semestre de 2021). Cerca de 25% de suas importações vêm da Rússia. Ou seja, quase 24% do que consome vem da Rússia.

No caso do gás natural, a dependência de importações é de 86%. Do gás que importa, cerca de 44% a 47% são russos. Ou seja, de 37% a 42% do que consumiu em anos recentes. Nesta terça-feira, a União Europeia anunciou que pretende diminuir sua dependência de gás russo em dois terços até o início do ano que vem.

Arrumar fornecedor alternativo de petróleo e derivados é difícil. Para facilitar a discussão, admita-se que fossem canceladas as sanções do "Occidente", a maior parte dos Estados Unidos, contra Irã e Venezuela. Mesmo a hipótese política irreal não resolveria o problema de abastecimento. Em tese, pelas tabelas de exportação, seria possível levar para o mercado mundial cerca de 2,9 milhões de barris por dia desses países. Mas isso é mera ficção histórica baseada em estatísticas.

O Irã precisaria de pelo me-

[...]

A decisão americana poderia tirar pouco petróleo do mercado, menos de 1% do total das exportações mundiais. Mas parte desses barris embargados por Biden pode ser vendida em outros mercados, para aliados da Rússia, como a China, que assim deixaria de comprar de outros produtores (embora essa decisão não seja simples, como mudar de padaria).

nos uns oito meses ou até o final do ano para aumentar sua produção em 1,2 milhão de barris por dia, estima Eberaldo Almeida Neto, o presidente do IBP, 34 anos de Petrobras, onde foi diretor até maio de 2020. O IBP é uma associação que representa os interesses das refinarias instaladas no Brasil.

O país teria de recauchutar seu parque produtivo e investir. Além do mais, não poderia sem mais vender o petróleo extra à disposição.

A Opep, o cartel dos países produtores, define cotas para cada país-membro e ritmos de aumento de oferta. Atualmente, tem aumentado a produção em 400 mil barris por dia, a cada mês.

O Irã chegou a exportar aproximadamente 2,8 milhões de barris de petróleo e derivados por dia em 2010 e 2011 (cerca de 5% a 6% das vendas no mercado mundial). Com as sanções do governo americano, especialmente as de 2011 (sob Barack Obama), as exportações iranianas minguaram e caíram a 935 mil barris por dia em 2019 e a 684 mil em 2020, ao menos nas estatísticas oficiais (ano anormal, de baixo consumo, por causa da epidemia). Os dados são da Opep. Não há números públicos mais recentes.

É ainda mais difícil estimar quando seria possível recuperar a produção venezuelana: reorganizar a administração, estudar as possibilidades de produção, importar equipamentos adequados para o petróleo local, iniciar a produção.

Os governos americanos de Barack Obama (2009-2016) e, em particular, de Donald Trump (2017-2020) impuseram sanções contra o governo de Nicolás Maduro. Mas a produção venezuelana já diminuiu um tanto antes disso. Com as sanções americanas e outros efeitos colaterais dessas medidas, produção e vendas despencaram.

Almeida Neto, do IBP, diz que a PDVSA, a petroleira estatal da Venezuela, tinha quadros de altíssimo nível, substituídos por militares e sindicalistas. A falta de investimentos e a má administração sucatearam a infraestrutura de produção e refino; parte se tornou obsoleta. Para começar a resolver o problema, pelo menos seis meses.

O pico mais recente das exportações da Venezuela foi em 2014-2015, vendas de 2,29 milhões de barris por dia, cerca de 4,8% do mercado mundial. Em 2019, eram 945 mil barris por dia.

Almeida Neto acredita que a alta de preços pode fazer com que produtores americanos dos campos de "shale" (de xisto ou folhelho, exploração não convencional) voltem ao mercado. Nos estudos internacionais do setor, a produção fica viável a partir de US\$ 70 o barril.

No entanto, tombos de preço, por causa da Opep ou da epidemia do coronavírus, e restrições ambientais de produzir, transportar e consumir petróleo) haviam tirado produtores do mercado. Não valeria a pena investir com perspectivas decrescentes, é a avaliação que se lia na mídia financeira americana. Como o "shake", os Estados Unidos haviam aumentado muito sua produção, se tornando os maiores produtores de petróleo em 2018.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 16